

EDITORIAL

Uma travessia multinacional e interar- tística pelos mares simbolistas

«O puissance de la toute poésie ! les types sont des êtres. Ils respirent, ils palpitent, on entend leurs pas sur le plancher, ils existent. Ils existent d'une existence plus intense que n'importe qui se croyant vivant, là, dans la rue. »

Victor Hugo, William Shakespeare (1864)

Um século volvido sobre a morte de Émile Verhaeren (1855-1916), poeta e crítico de arte belga, passeur incontornável do simbolismo de língua francesa, e de Odilon Redon (1840-1916), pintor francês de idêntico ímpeto original e transnacional, este décimo número da Non Plus – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, da Universidade de São Paulo (USP) –, consagrado ao Movimento Simbolista na Literatura e nas Artes, apresenta um conjunto de trabalhos e outros tantos convites a re/descobrir uma época de inulgar interação artística e cultural. Nele participam dez artigos (dentre outros textos), seis dos quais originalmente escritos em francês e aqui apresentados também em versão portuguesa. A opção pela tradução destes estudos, para além de visar abranger um maior número de leitores, igualmente nos aproxima do espírito cosmopolita do movimento, bem testemunhado pela revista *Arte* (1895-1896), impulsionada desde Coimbra pelos portugueses Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gayo, em rede com outras congêneres simbolistas, como *La Wallonie de Liège*, animada por Albert Mockel.

De matriz marcadamente francófila, o Simbolismo logo ganhou o mundo, chegando a países de culturas tão distintas como o Brasil e a Rússia, Portugal e a Grécia, configurando novas realizações, sem nunca deixar de se relacionar com as fontes francesa e belga. Nesse sentido, destacam-se algumas figuras lusófonas de relevo, como Camilo Pessanha, leitor entusiasta de Paul Verlaine, ou Nestor Vitor, crítico, contista e poeta, que viria a ser o tradutor de Maeterlinck no Brasil. Com uma dinâmica transfronteiriça pouco conhecida, a obra de Eugénio de Castro teve um papel chave na evolução do Modernismo hispânico – espanhol e sul-americano – no final do século XIX, ao mesmo tempo que dialogava com os futuristas italianos. Já no Brasil, entre impasses e vicissitudes, a poesia do simbolista Cruz e Sousa, tão aclamada por estudiosos internacionais como Roger Bastide e por poetas de vanguarda como Ruben Darío, teve papel marcante no esbatimento de fronteiras genológicas e artísticas levado a cabo pelo modernismo brasileiro, que se tornou um importante polo de vanguarda poética no primeiro quartel do século XX.

Outro aspeto de relevo para o movimento e para nosso dossiê é a sua dimensão interartística, uma vez que os simbolistas não apenas extrapolaram os limites do literário, chegando ao teatro, à música, e, em especial, à pintura onde encontraram um campo fecundo, como também defenderam e ilustraram sinergias com outras expressões artísticas, como a ourivesaria, igualmente contemplada neste número.

Desde há muito que preconiza uma aproximação entre a literatura e as outras artes, na perspectiva de uma mútua implicação. Já Horácio pontificara: *Ut pictura poesis*. Todavia, o fenómeno atingiu no Simbolismo contornos inéditos. A obra de Mallarmé – pensamos obviamente no Lance de dados, mas também nos próprios poemas críticos das *Divagations* – configura essa superação criativa de fronteiras artísticas. «*La Musique et les lettres*» – escrito proveniente de conferências em Inglaterra – é nesse âmbito exemplar, reunindo as duas manifestações numa mesma expressão. Ora, a partícula que as junta também distingue e é bastante significativo que Mallarmé o explicita a propósito da aspiração wagneriana a uma arte total, que imporia o seu domínio sobre as outras: «*allier, ne pas confondre*».

É a esse processo de alterização que nos convida duravelmente a leitura e crítica. É importante, como sabemos, criar laços, estabelecer pontes – e pontos – de contato; mas é igualmente determinante fazê-lo com o discurso e os saberes próprios a cada disciplina. Só assim se pode aproximar, confrontar, pôr em perspectiva, contando sempre com a natureza naturalmente instável do nosso objeto de trabalho. Bastará lembrar aqui a dupla metáfora do palimpsesto e da tatuagem, usada por Manuel Gusmão para aludir à literatura enquanto «*linguagem em estado de nascimento*» (2011, p. 143) demandando, por isso, um «*trabalho de construção antropológica aberta*» (idem, p. 75).

Desta feita, esta publicação reveste ainda outra particularidade, porquanto constitui um convite a atravessar culturas, visitar outros espaços e outros tempos, outros modos de ver e de dizer, num gesto em que o estrangeiro não nos causa estranheza, antes nos interpela. E nesse movimento de busca e de alteridade, nessa aventura do

sentido, ao ritmo do nosso próprio pensamento, sustentados pelo nosso próprio saber e cultura, são criadas as condições para o encontro e a interação. A este respeito ainda, Mallarmé falava de *déplacement avantageux*.

Num contexto de crescente revitalização das Humanidades, mas também de alguma instrumentalização dos saberes (BROOKS, 2014), é importante que os estudiosos que se reconhecem nesta área possam potencializar crítica e metodologicamente os objetos questionantes com que lidam: textos, formas, discursos, simultaneamente constitutivos e maleáveis, resistindo ao determinismo em prol da criatividade.

Consentâneo com estas ideias, o presente número beneficiou de sinergias internacionais, fazendo dialogar jovens investigadores com nomes de grande prestígio, que todos re/conhecemos. O seu principal desejo é de abrir novas propostas de trabalho para o estudante/investigador em Literaturas e especialmente no que ao período-chave do fim-de-século XIX diz respeito. É no nosso tempo que afinal ganha corpo, fôlego e alcance o conhecimento do passado, revelando, in fine, a historicidade do gesto crítico.

É por isso com gosto que apresentamos os dez artigos, provenientes de diferentes países, como França, Bélgica, Portugal e Brasil, e de dez respeitadas instituições de ensino e pesquisa (sem contar as filiações dos tradutores e demais colaboradores!), que compõem esta recolha de estudos sobre os simbolismos produzidos na literatura e nas artes abarcando também a filosofia que permite apreciar e esclarecer as questões colocadas pelo fenómeno artístico-literário. Sem adoptar propriamente uma via cronológica e sempre sustentado pela dinâmica circular do movimento, aqui se balizam três eixos: ensaios dedicados aos simbolistas belgas, ensaios voltados aos simbolistas franceses e às relações estabelecidas entre si, e, por fim, ensaios que exploram as relações entre a França e outras culturas na conjuntura do simbolismo.

Em guisa de homenagem ao importante poeta simbolista Émile Verhaeren, nosso dossiê se abre com o texto “Le passeur d’eau’ de Émile Verhaeren – O apelo de uma nova poética”, de Maria de Jesus Cabral (Universidade de Lisboa), em versão bilíngue (português/francês), com tradução para o português de Bruno Anselmi Matangrano (Universidade de São Paulo), no qual a autora apresenta uma leitura do poema “O barqueiro”, destacando suas imagens aquáticas inseridas no projeto poético de Verhaeren e, num contexto mais amplo, no imaginário simbólico belga. Num segundo momento, Maria de Jesus Cabral se volta à análise da composição fragmentária de uma personagem feminina, metonimicamente sugerida, ao gosto mallarmaico, em contraste à figura do inquieto passador. O artigo comenta ainda os aspectos sonoros e musicais que concorrem na pena do poeta, num movimento de infundável busca envolvendo sujeito, linguagem e realidade.

No campo imagético da natureza e das paisagens belgas, o artigo “Do palco à flora, a pregnância de um imaginário. A Inteligência das flores de Maurice Maeterlinck”, de Marc Quaghebeur (Arquivos e Museu da Literatura de Bruxelas), também

publicado em francês e em português, com tradução de Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra), se volta a uma composição ensaística menos conhecida de Maurice Maeterlinck, *L'Intelligence des fleurs* (1907), que, para Quaghebeur, merece um destaque maior por não se tratar simplesmente de mera descrição de flores e plantas, mas sim de uma elaborada composição que, através de imagens poéticas e artísticas, converge com outras produções do próprio autor, sobretudo com seu teatro e nomeadamente com a peça *Pelléas e Mélisande*. Além disso, apesar do caráter ensaístico, Quaghebeur também atenta para a relação da obra com o imaginário finissecular tipicamente simbolista, expressa na escolha cuidadosa e peculiar dos vocábulos usados na descrição botânica.

Ainda a propósito do escritor laureado com o Prêmio Nobel de 1911, Gérard Dessons (Universidade Paris 8), em seu ensaio “Crise de signo. O símbolo no teatro de Maeterlinck”, traduzido para o português por Maria de Jesus Cabral, interroga a questão do símbolo em Maeterlinck em relação à noção simbolista e à interpretação dicionarizada do mesmo termo, tendo como ponto de partida a imagem da porta ressignificada em *A Morte de Tintagiles*, importante peça do dramaturgo belga. Nesta, a simbologia da “porta” remete para a sua modalidade discursiva, configurando as potencialidades da linguagem, contrariamente a interpretações simbólicas tradicionais enquanto simples passagem entre lugares e/ou mundos. Ao mesmo tempo, e justamente por conta desta nova proposta de símbolo, Dessons também comenta as convergências e as dissonâncias de Maeterlinck em relação ao simbolismo (ou aos simbolismos, como prefere o autor), movimento ao qual é comumente associado.

Deixando as paisagens belgas, mas ainda a partir de um corpus literário dramático, Lígia Maria Pereira de Pádua Xavier (Universidade Estadual Paulista – Araraquara), no trabalho intitulado “A crise da mimesis aristotélica na poesia dramática de Villiers de L’Isle-Adam”, volta-se à peça *La Révolte*, de Villiers de L’Isle-Adam, para discutir as inovações e postulados propostos pelo teatro simbolista, em contraste com o teatro clássico, representado pelo ideal mimético aristotélico. Para a autora, a grande inovação do teatro simbolista está na recusa do dramaturgo em simplesmente comunicar ou representar, antes pretendendo exprimir uma interioridade de um possível sujeito poético intimista (e também por isso) moderno. Além disso, Xavier igualmente destaca o caráter lírico da prosa teatral de Villiers, tratada como poesia dramática, possível numa época em que os gêneros são nuançados, com o surgimento da prosa poética e do poema em prosa. Não obstante, a despeito das inovações e da qualidade do teatro villieriano, a autora destaca o quanto ainda é pouco lido e pouco estudado, ao menos no Brasil.

No artigo, “Élémir Bourges e o cânone decadentista e simbolista na literatura francesa”, também discutindo a recepção e a crítica de uma obra em prosa associada ao simbolismo e ao decadentismo francês, Sidney Barbosa (Universidade de Brasília) e Rosária Cristina Costa Ribeiro (Universidade Federal de Alagoas) de-

batem a cambiante noção de cânone, com seus constantes esquecimentos e resgates, e, por consequência, a necessidade de questioná-lo de tempos em tempos. Neste contexto, os autores se voltam ao hoje praticamente desconhecido Élémir Bourges, romancista francês que transitava pelos círculos de Émile Zola e Stéphane Mallarmé, em cujas obras é possível identificar elementos decadente-simbolistas. O artigo de Barbosa e Ribeiro procura assim retomar este importante ficcionista pouco re/conhecido pelo público e pela crítica em geral, alçando-o ao cânone do simbolismo francês.

O ensaio “A poética simbolista da joia fin-de-siècle”, de autoria de Charline Coupeau (Universidade Montagne Bordeaux), traduzido por Bruno Anselmi Matangrano e Caroline Micaelia (Universidade de São Paulo), abre portas para o diálogo interartístico tão caro aos simbolistas. A partir de joias artesanais do período finissecular e representações semelhantes encontradas em romances, pinturas e poesias simbolistas, a gemóloga identifica uma estética própria em diálogo com l’Art Nouveau, uma vez que estas joias, caracterizadas por uma elaboração particular, remetem constantemente a uma atmosfera onírica e mística, cara aos artistas do fin de siècle, ao mesmo tempo em que, por seu forte valor simbólico, foram constantemente descritas por romancistas e poetas de Charles Baudelaire a Élémir Bourges, e pintores de Alfons Mucha a Gustave Moreau, ou artistas como René Lalique que criava joias híbridas, na junção dos seus talentos de ourives, escultor e pintor. Ao fim do artigo, Coupeau nos presenteia com uma galeria fotográfica de belas joias e pinturas finisseculares.

Em “Entre enigmas textuais & esfinges visuais: o mito de Édipo na narrativa pictórica de Gustave Moreau”, de autoria de Enéias Farias Tavares (Universidade Federal de Santa Maria), o leitor é guiado por um percurso de esfinges escritas e pintadas, passando desde representações em vasos gregos, até os quadros dos românticos François-Xavier Fabre, Pierre Auguste Dominique Ingres, para, por fim, culminar na série de pinturas dedicadas ao mito de Édipo e da Esfinge concebidas por aquele que é, talvez, o mais importante artista plástico ligado à estética simbolista: Gustave Moreau. Tavares apresenta assim estas obras como metáforas do eterno embate entre masculino e feminino, este monstrificado, aquele mutilado, no qual se evidenciam questões como a incomunicabilidade, envolta em uma aura de mistério, e atração, curiosidade e pulsões ante o sexo oposto. Assim como no artigo de Coupeau, ao fim de seu texto, o autor oferece um passeio em forma de imagens pelas representações da figura da esfinge, da Grécia antiga a Moreau.

Ainda no campo do diálogo interartístico, Jean-Nicolas Illouz (Universidade Paris 8) em seu ensaio “Os Impressionistas e Stéphane Mallarmé”, traduzido a quatro mãos pelos organizadores do dossiê, traça um paralelo entre as inovações propostas pelos impressionistas, no concernente às então novas e modernas formas de se representar a luz e sua refração em pintura através da técnica do ar-librismo, e às variadas crises (estéticas, metafísicas, políticas, etc.) enfrentadas pela literatura, e,

em especial, pela poesia na conjuntura finissecular. Para tanto, Illouz parte dos escritos teóricos e críticos de Mallarmé sobre os pintores impressionistas (sobretudo os dedicados a Édouard Manet), de suas obras por eles ilustradas bem como de sua correspondência com os pintores da época, em especial com Berthe Morisot. O texto se fecha com uma leitura do poema em prosa “O Nenúfar Branco”, originalmente pertencente ao volume *Le Tiroir de Laque*, e que se pretendia ilustrado por Morisot, mas que acabou sendo publicado em *Divagations*, visto ele mesmo como uma pequena criação de inspiração impressionista.

Em “‘Angoisse’, ‘Depois da luta e depois da conquista’ e ‘Dilacerações’: leituras do desejo na poética simbolista” vemos novamente a obra de Stéphane Mallarmé em diálogo com outros artistas, mas, desta vez, não em relação a pintores, mas sim a poetas. Em seu ensaio, Annie Gisele Fernandes (Universidade de São Paulo/CNPq), após um interessante levantamento das relações histórico-literárias entre os simbolismos de língua francesa e portuguesa, propõe uma leitura do poema “Angoisse”, de Mallarmé, em perspectiva comparada com os poemas: “Depois da luta e depois da conquista”, do simbolista português Camilo Pessanha, e “Dilacerações”, soneto do simbolista brasileiro João da Cruz e Souza, à luz da filosofia metafísica de Arthur Schopenhauer. A partir destas obras, a autora propõe uma análise da questão do desejo, que se desdobra nas questões da representação do feminino e do corpo, ao mesmo tempo em que identifica em cada poema temas e recursos comuns ao simbolismo, a despeito das especificidades de cada um destes três poetas, a começar pelas diferentes nacionalidades e por escreverem em dois idiomas distintos.

Finalmente, Claude Coste (Universidade Cergy-Pontoise), no último artigo deste número dedicado aos diversos simbolismos, debruça-se sobre “O Wagner dos filósofos: Adorno, Lacoue-Labarthe, Badiou, Žižek”, também publicado em francês e traduzido para o português pelos organizadores do dossiê. O estudo centra-se na relação entre filosofia e simbolismo, e entre pensadores alemães e franceses, trazendo a lume as releituras e reinterpretações feitas pelos filósofos Theodor W. Adorno, Alain Badiou, Slavoj Žižek e Philippe Lacoue-Labarthe sobre a obra de Richard Wagner, grande compositor romântico alemão, que, embora não possa ser considerado propriamente como simbolista, teve presença relevante em autores relacionados ao simbolismo (designadamente Baudelaire, Villiers de L’Isle-Adam e Mallarmé), tendo fomentado discussões e reflexões decisivas nestes e naqueles que lhe sucederam. Assim, partindo dos quatro pensadores, Coste defende a reabilitação das óperas wagnerianas e sua análise livre dos preconceitos imputados por determinada crítica pelos quais ficaram estigmatizadas no século XX, como forma de se repensar a história, a música e a política.

Afora os dez ensaios que compõem nosso dossiê dedicado ao Movimento Simbolista na Literatura e nas Artes, este décimo número da revista *Non Plus* também traz uma entrevista, uma resenha e a tradução de um conto e de uma carta de autores vinculados ao movimento, ainda no espírito interartístico e multinacional norteadores de todo este percurso.

Na “Entrevista sobre o Simbolismo e o Decadentismo com Jean-Nicolas Illouz”, proposta em francês e traduzida para o português por Bruno Anselmi Matangrano (Universidade de São Paulo/CNPq), o professor e ensaísta apresenta algumas questões basilares sobre o movimento, abrangendo desde a sua origem (diferenciando o que se convencionou chamar de movimento simbolista, em um sentido mais abrangente, da escola simbolista, fundada em 1886, pelo Manifesto do poeta franco-grego Jean Moréas), suas diferenças e confluências com o decadentismo (cuja existência enquanto estética autônoma é por muitos questionada ou reduzida a um espírito de época), passando pela relação da poesia simbolista com as outras artes (notadamente, com a pintura e com a música, como discutido em muitos dos artigos mencionados acima), pelas fontes do movimento (sobretudo na figura de Nerval, poeta estudado e editado por Illouz, mas também a partir de Wagner e de outras figuras do romantismo alemão), culminando na recepção do simbolismo na contemporaneidade e no resgate e republicação de seus poetas esquecidos, como René Ghil, recentemente redescoberto pela crítica francesa contemporânea.

Em seguida, Maria de Jesus Cabral (Universidade de Lisboa) nos apresenta a obra recém-publicada e ainda inédita em português *Voix et relation – Une poétique de l’art littéraire où tout se rattache* [Voz e Relação – Uma poética da arte literária em que tudo se enlaça], do professor, ensaísta e poeta Serge Martin (Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle), obra que dá continuidade aos estudos anteriores de Martin sobre as questões da voz no texto literário. Através de sua resenha crítica “Dire et (re)commencer une chercherie d’être au monde”, a autora debate as importantes reflexões de Martin, orientadas pelo pensamento teórico e crítico de Henri Meschonnic e abrindo novas perspectivas para pensar noções como subjetividade, ritmo e historicidade, pelas quais experiência poética, experiência do mundo e re/invenção da linguagem revelam a poesia como fazer antropológico. Ao mesmo tempo, Cabral demonstra a primazia da noção de relação, que permeia e está no cerne de toda a reflexão poética e didática de Serge Martin, com importantes pontos de contato entre a proposta de Martin e o pensamento de autores como Maeterlinck e Mallarmé.

O número se encerra com duas propostas de tradução comentadas de textos produzidos na conjuntura finissecular. Na primeira, Bruno Anselmi Matangrano apresenta o conto “O Matador de Cisnes”, do ficcionista e dramaturgo francês Auguste de Villiers de L’Isle-Adam, cuja peça *La Révolte* é analisada por Ligia Xavier no artigo anteriormente mencionado. Neste conto, Villiers nos faz conhecer o Dr. Tribulat Bonhomet, personagem recorrente em vários de seus contos; trata-se de um excêntrico burguês (personificação da crítica de Villiers ao que há de pior nesta mesma burguesia), cujos hábitos estéticos escusos incluem a tortura e o assassinato daquelas belas aves, no intuito de lhes extrair o suposto e mítico canto do cisne, para ele o verdadeiro apogeu da música (em oposição, nomeadamente, às óperas de

Wagner). Na tradução proposta para esse autor tão pouco publicado no Brasil, Matangrano se lança ao desafio de tentar reproduzir a sintaxe fragmentária e truncada da prosa villeriana, bem como parte da sonoridade de sua prosa poética.

A nossa recolha multinacional e interartística completa-se a com uma carta de Mallarmé a Odilon Redon e a sua tradução por Caroline Micaelia (Universidade de São Paulo). Neste texto curto e pouco conhecido, o poeta comenta a série litográfica que o artista recentemente lhe enviara, intitulada Homenagem a Goya, com especial destaque para os títulos das seis litografias, denotando um entrelaçamento literário e interartístico bem ao gosto do pensamento simbolista. À apresentação de Micaelia, seguida da tradução e da carta original com apontamentos da tradutora e dos organizadores da epistolografia de Mallarmé seguem-se, por fim, um conjunto de litografias de Odilon Redon.

Assim se cumpre menos o fim da viagem que um convite a novos encontros com as obras de arte e de linguagem ligadas ao simbolismo, movimento que tanto nos convida a mergulhar no passado como a a/firmar o futuro pelo gesto inextinguivelmente humano da leitura e da crítica.

Maria de Jesus Cabral e Bruno Anselmi Matangrano
Editores do número 10

REFERÊNCIAS CITADAS

BROOKS, Peter *et al.* *The Humanities and Public Life*. New York: Fordham University Press, 2014.

GUSMÃO, Manuel. *Tatuagem & palimpsesto. Da poesia em alguns poetas e poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.